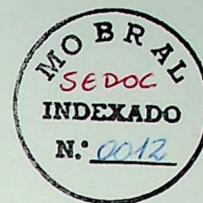


Anexo: Minuta de Caderno do Ciclo



PRIMEIRO CADERNO DO CICLO DE MEMÓRIA

Os Programas da Gerência Pedagógica.

Contém: material informativo distribuído aos participantes antes das palestras; resumo das palestras quinzenais ouvidas pelos técnicos do Setor de Documentação.

Maio de 1979

Centro de Memória/Setor de Documentação/MOBILAL Central

Distribuição Interna

Material informativo distribuído antes da palestra

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

Segundo os dados disponíveis pelo MOBRAL, reduziu-se o índice de analfabetismo no Brasil de 33,6% da população em 1970, quando foi implantado o Programa de Alfabetização Funcional, para 13,9% em 1977.

Estes e muitos outros dados a respeito do Programa constam da publicação "Soletre MOBRAL e Leia Brasil".

Sabemos que todos os índices de estatísticas brasileiras não são os mais exatos do mundo. Mas qualquer contestação aos índices do próprio MOBRAL, levantados por seus próprios colaboradores, deve partir de uma questão básica no tocante a alfabetização: definir o que é analfabeto e alfabetizado. O próprio MOBRAL tomou recentemente a iniciativa de discutir este tema de maneira crítica, convidando, inclusive, para participar do exame do assunto pensadores independentes, desvinculados do Poder Público, como é o caso de Antonio Houaiss.

A definição de analfabeto e alfabetizado é, portanto, a razão principal da diferença entre os nossos índices e os primeiros resultados da Pesquisa Nacional por Amostras Domiciliares, iniciada pelo IBGE em 1977, órgão com o qual o MOBRAL deverá conciliar tais conceitos.

O que se tem como certo é que o PAF é um programa de massa gigantesco e abrangente. Que de 1970 a 1977 conveniou quase 30 milhões de brasileiros, dos quais mais de 11 milhões completaram o curso. Dele participaram contingentes humanos de número semelhante à população de muitos países. Isto é inegável.

E existem outros aspectos, abordados a seguir.

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

É o mais antigo, abrangente e conhecido Programa do MOBRAL. Abrangente tanto do ponto de vista geográfico, pois alcançou todos os municípios brasileiros, quanto do ponto de vista social, pois foi o que alcançou o maior número de participantes.

A Lei que criou o MOBRAL define o seu objetivo como sendo "educação continuada de adolescentes e adultos e alfabetização..." (o grifo é nosso). Isso quer dizer que a alfabetização em si jamais foi o objetivo básico do MOBRAL, mas sim a educação continuada de adolescentes e adultos. A alfabetização, colocada em segundo lugar no texto da Lei, é uma prioridade, entre as atividades de educação continuada. Pode-se dizer que o Programa de Alfabetização foi um entre muitos programas, campanhas, projetos, etc, de impacto lançados pelo Governo, com uma diferença: a sua aceitação por parte da maioria da população.

Luis Alfredo Garcia Rosa, ex-consultor do MOBRAL, realizou um estudo clássico em todas as atividades humanas, adaptado à alfabetização: o bom e o mau alfabetizador. O estudo foi realizado por iniciativa própria, à noite, em viagem de implantação do Programa de Autodidatismo no município de Campo Maior, Piauí. Apresentado de forma simples e despojada, sem vícios acadêmicos de linguagem, é um dos trabalhos mais interessantes de se ler a respeito do PAF. Em resumo, o estudo toma como medida de aferimento da qualidade do alfabetizador o nível de evasão de sua sala. Quanto menor o número de alunos que abandonam o curso, melhor o desempenho do alfabetizador. (Anexo 1)

O desempenho do alfabetizador é, na verdade, o desempenho do Programa. José Roberto Martins tentou, mais tarde, realizar estudo semelhante no mesmo município, no qual estavam implantados todos os Programas do MOBRAL, tendo como tema o bom e o mau Programa. O desempenho do Programa estaria em seu grau de aceitação por parte do chamado público-alvo. Exatamente sob

este aspecto, o de Alfabetização alcançou um bom desempenho.

Organizado a partir de um sistema de descentralização executiva criado sob a orientação de Simonsen, atual ministro do Planejamento e primeiro Presidente do MOBRAL, foi deflagrado por uma equipe da Gerência Pedagógica. A sua base de atuação - como a de todos os Programas criados posteriormente, é a Comissão Municipal, formada a princípio por voluntários, sem remuneração. A aceitação da mensagem educativa do Programa por parte da sociedade permitiu que espalhasse rapidamente o seu campo de ação,

É um programa de educação de massa mais voltado para resultados imediatos e a curto prazo que alcançam o maior número possível de pessoas. Como em todos os movimentos desse tipo realizados em diversos países, seus principais problemas são a evasão e a regressão. A evasão é o abandono do curso, por diferentes causas, por parte dos alunos, antes de seu término. A regressão ao analfabetismo tem como causa óbvia a não utilização posterior dos rudimentos educativos recebidos pelo aluno.

Certa vez Sergio Marinho Barbosa, atual Secretário Executivo e futuro Diretor de Informática do MOBRAL, declarou que o Programa deve ser avaliado mais sob o aspecto social do que o estritamente educacional. Assim, não estaria em questão tanto a solução final do problema do analfabetismo no Brasil, sujeito também a outras razões além do desempenho do MOBRAL, mas, em primeiro lugar, a avaliação do benefício social decorrente desse mesmo desempenho.

Sob o aspecto social - e mesmo educativo, o Programa pode ser avaliado, por exemplo, quanto ao atendimento do que dele espera o aluno. A maioria absoluta dos alunos inscritos em todas as partes do Brasil, tanto em zonas urbanas quanto rurais, responde que o motivo principal de ter procurado o curso é tirar os seus documentos. Ora, um bom alfabetizador consegue em cerca de três ou quatro meses preparar o aluno para que ele, por iniciativa própria, consiga tirar os seus documentos - identidade, carteira

J

profissional, título de eleitor. Com isso o analfabeto não se torna ainda um indivíduo alfabetizado, mas se torna um cidadão, teoricamente protegido pelas leis trabalhistas e de previdência social e cortejado por políticos, dada a sua condição de eleitor.

Tem ainda a noção rudimentar de seus direitos e deveres como cidadão. Houve, portanto uma promoção social ou benefício social caracterizado pelo seu credenciamento como cidadão da sociedade civil brasileira. E mais: se o objetivo do aluno era apenas este, o de tirar os documentos, e não apenas o seu principal objetivo, não há razão lógica para que ele cumpra os cinco meses do curso. A mensagem do curso pode interessar ao aluno principalmente em função de sua atividade profissional, portanto da característica local do mercado de trabalho. Entretanto o trabalho de documentação de campo do Centro de Memória do MOBRL detetou casos concretos de pessoas que depois do curso de alfabetização prosseguiram os seus estudos por curiosidade intelectual. Um caso específico é o do guarda florestal de Campo Maior que era analfabeto, cursou até o Segundo Grau e permanece no mesmo emprego. Ele define como maior benefício conquistado o fato de poder orientar e auxiliar e acompanhar a atividade estudantil de seus próprios filhos. Do ponto de vista moral isso é importante para ele, mas é mais ainda sob o aspecto educacional. Todos os estudos feitos em diversas partes do mundo a respeito de educação apontam como fator determinante do desempenho do aluno o seu ambiente familiar, que facilita ou dificulta o desempenho na escola. Assim, parte do benefício proporcionado pelo MOBRL só poderá ser avaliado a partir de melhoria do desempenho escolar dos filhos dos alunos do curso de alfabetização, comparado ao dos filhos de analfabetos.

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

Resumo da palestra de 18/4/79

Natália, da Gerência Pedagógica, nos lembrou a existência do conceito pedagógico do MOBRAL de aluno alfabetizado. Simplificado do antigo decálogo, consta do Roteiro de Orientação ao Alfabetizador (pag. 105 da terceira edição, de 1979). São quatro itens referentes a leitura, escrita, solução de questões aritméticas e de medidas de comprimento, área, massa, valor e tempo.

Traçou um breve histórico do MOBRAL, pois este se confunde com a História do Curso de Alfabetização do MOBRAL. Há uma tendência, nascida no atual debate a respeito de Ação Comunitária, de considerar a existência de quatro momentos do nosso Movimento. O primeiro, de 1970 a 1972, de lançamento de campanha. O segundo (1972 a 1975) de administração por objetivos. O terceiro foi aquele recente (1975 a 1978), de sistematização de controles. E o quarto, o atual, de preparação para ênfase em ação comunitária.

A meta de erradicação do analfabetismo até 1980 motivou muitos prefeitos empossados em 1976 a se tornarem os "Prefeitos da Erradicação do Analfabetismo" durante as suas gestões.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INTEGRADAPROGRAMA DE AUTODIDATISMO

Resumo distribuído antes da palestra

CICLO INTERNO DE ESTUDOS DO SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

Esperávamos uns cinco ou seis interessadas em ouvir as palestras quinzenais a respeito da atividade de campo do MOBRL. A presença de todos os funcionários do Setor foi uma surpresa e um incentivo para os coordenadores do Ciclo. A professora Natália, por sua vez, além de nos atualizar quanto ao Programa de Alfabetização Funcional, motivou ainda mais a todos nós a conhecer melhor um pouco do que ocorre no campo. A Gerência Pedagógica, atendendo novamente a nosso convite, enviará outra pessoa para conversar conosco na próxima quarta-feira, dia 2 de maio, desta vez focalizando o Programa de Educação Integrada. Alguns técnicos da ASCON, órgão com o qual dividimos as instalações deste prédio da rua Dona Mariana, manifestaram interesse e vão participar conosco do ciclo.

Tentaremos promover uma palestra extra dentro de duas semanas com técnico do SUSUG (Supervisão) para nos dar uma visão global de todas as atividades de campo do MOBRL.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INTEGRADA

Um dos objetivos do Programa é permitir ao aluno do curso de Alfabetização Funcional a prosseguir seus estudos regulares. Destina-se a adolescente e adultos.

Proporciona equivalência das quatro primeiras séries do 1º grau. Seus objetivos foram traçados de acordo com o Ministério da Educação e Cultura e além dos aspectos educativos tradicionais pretende promover a integração social e a educação para o trabalho.

J. 111

É realizado através de convênios do MOBREAL com Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como diversas outras entidades.

Os últimos dados que dispomos sobre o Programa são os do Relatório do MOBREAL de 1977. Naquele ano foram convêniciados cerca de 600 mil alunos. Quarta-feira próxima teremos oportunidade de saber mais.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INTEGRADA

PROGRAMA DE AUTODIDATISMO

Resumo da palestra de 2/5/79

Neise fechou a fase inicial de nosso ciclo de estudos a respeito dos Programas da Gerência Pedagógica, conversando conosco a respeito de Educação Integrada e também do Autodidatismo.

A Educação Integrada foi o segundo Programa implantado pelo MOBRAL, logo após o de Alfabetização Funcional, ainda em 1971. Na verdade, semana passada, alguém lembrou a existência (nas palestras promovidas pela Diretoria de Ação Comunitária) de um programa intermediário: o de Desenvolvimento Comunitário, criado para impedir a regressão e manter reunidos os alunos de Alfabetização, antes da implantação do Programa de Educação Integrada. Durou apenas dois meses, mas deixou como marca de sua existência em muitos municípios o Conselho Comunitário, composto de líderes locais e de um alfabetizador e um aluno de alfabetização. Fomos informados das dificuldades de crescimento do Programa de Educação Integrada, tendo como uma das razões a prioridades das Secretarias de Educação, executoras do Programa, ao ensino básico regular, ficando o Supletivo em segundo plano. E do próprio MOBRAL, com prioridade para Alfabetização Funcional, tratando o Programa de Educação Integrada de modo indireto, através de outras entidades. Por outro lado, o Programa de Autodidatismo, um dos mais recentes do MOBRAL (1975 fase experimental, 1976 definitiva) só encontra obstáculo em seu custo (principalmente de livros). É um dos mais bem aceitos. Criado com verba destinada a capacitação de alfabetizadores, ainda conserva esta prioridade, sendo também dedicado a atender o público de áreas de população rarefeita (ex: rural do Nordeste e Norte). O aluno estuda o que deseja ou precisa (surpreendente preferência pela Matemática), quando pode ou prefere, sem as obrigações de "Objetivos Terminais" do de Educação Integrada, por exemplo, que correspondem ao Supletivo (correspondente ao antigo Primário).

O conteúdo do Autodidatismo acompanha o de Educação Integrada. Embora tenda a ser escolhido pelos próprios alunos, que opinam a respeito de cada livro e de seus interesses de informação. É orientado por um monitor remunerado, que atende, em geral, nos Postos Culturais.

6.2 O ALFABETIZADOR DE ZONA RURAL

Luiz Alfredo Garcia Rosa

Podemos distinguir duas categorias de classes do MOBRAL na zona rural do Estado do Piauí (e acreditamos que o mesmo ocorre nos demais Estados nordestinos):

1. A primeira é a que se encontra localizada em povoados com alguma concentração populacional (em torno de 500 habitantes) e que são bastante semelhantes entre si: há uma grande praça central (maior do que a área construída do povoado) sem jardins, canteiros ou ruas. Em torno da praça ficam as casas formando um grande quadrado. Praticamente todas as casas ficam situadas na periferia da praça. São de alvenaria (tijolo cru) e cobertas com telhas. A comunidade dispõe, quase sempre de um motor diesel para puxar água do poço e que raramente é utilizado para gerar luz. A iluminação das casas é feita com lampião a gás ou querosene. Há visita médica semanal ao povoado. Há um grupo escolar municipal, aonde funciona a classe do MOBRAL. Nestas casas as instalações são boas e as condições de aula são bastante razoáveis. Os alunos moram no próprio povoado e não precisam se deslocar de longas distâncias para assistir à aula. Fora da situação de aula, se reúnem como moradores do mesmo lugar, participando da vida comunitária.

2. O segundo tipo de classe, é a que se localiza em regiões cuja população se encontra inteiramente dispersa, sem que haja uma concentração mínima que permita uma vida comunitária. São regiões extremamente pobres, praticamente sem assistência alguma do município e sem recursos materiais para superar as condições sub-humanas de vida. A própria dispersão dos moradores - geralmente morando 6 ou 8 kms distantes uns dos outros - dificulta uma ajuda mútua. O agrupamento formado pelos habitantes da localidade, é meramente aditivo. Mal chegam a formar uma comunidade com laços estruturais. Nestes casos, a classe do MOBRAL funciona na casa de algum dos colonos, às vezes na casa do próprio alfabetizador. As condições de vida são, muito diferentes das descritas no primeiro caso. As casas são de taipa, chão de terra batida e cobertas de palha; a luz de lamparina (construída com uma pequena lata) é muito fraca; os moradores vivem em extrema pobreza e muitas vezes não têm o que comer. Estas condições são as mesmas para o alfabetizador e o aluno. A classe geralmente funciona fora da casa (dentro não há espaço), na varanda ou no quintal, e os alunos ficam sentados em troncos de árvore ou mesmo no chão. Como os alunos moram dispersos pela região, alguns deles chegam a caminhar mais de uma légua (7km), depois de um dia de trabalho, para assistir a aula; e depois de terminada, às 11 horas da noite, caminham mais uma légua para voltarem à casa. No caso da classe não funcionar na casa do alfabetizador, este também tem que caminhar longas distâncias para chegar ao local de encontro dos alunos.

A diferença entre estes dois tipos de classes é muito grande para efeito do trabalho de alfabetização. No primeiro caso, temos alunos que participam de uma vida comunitária, se reúnem tanto para o trabalho como para a diversão, têm muito mais possibilidades de troca de experiências, de discussão dos assuntos abordados pelo alfabetizador e, sobretudo, de contato com o mundo através dos meios oferecidos pela comunidade (jornais, revistas, viagens de membros da comunidade, etc). No segundo caso, temos um aluno vivendo inteiramente isolado, não somente do resto do mundo mas até mesmo do contato com os outros habitantes da região. Este isolamento é raramente rompido, ficando seu espaço de vida restrito à pobreza material e cultural a que é submetido.

O acesso aos povoados (em qualquer dos casos) é bastante difícil. Não há estradas; apenas caminhos que algumas vezes ficam reduzidos a uma trilha feita pelo homem dentro da caatinga e que por vezes chega a desaparecer por completo. No verão, viaja-se pelo campo aberto ou mesmo pelo leito seco dos rios, sendo que frequentemente a viagem é interrompida por obstáculos naturais. Durante o inverno (época das chuvas) a maioria dos povoados ficam isolados.

O alfabetizador de zona rural quase não se distingue do aluno. As condições de vida de ambos são as mesmas. O isolamento do primeiro é apenas quebrado pelas reuniões mensais na COMUN. Seu nível de escolaridade corresponde, em 90% dos casos, ao 2º ano primário. Raros são os que possuem certificado de conclusão das 4 primeiras séries. Como no Estado do PIAUÍ mais de 85% das classes do MOBRL estão situadas em zona rural, este quadro pode ser tomado como representativo do Estado.

As reuniões mensais na COMUN não me pareceram atender às necessidades primordiais dos alfabetizadores. Ficam todos sentados em silêncio, ouvindo a preleção da S.A., sobre pontos que ela julga importantes dos conteúdos dos roteiros. Quando a reunião termina, retornam aos seus povoados. Nada é falado sobre suas relações pessoais com o aluno, sua visão da realidade, seus problemas, suas dúvidas quanto à teoria (e não quanto ao conteúdo dos manuais). Não há oportunidade de troca de idéias entre os próprios alfabetizadores. Enfim, são colocados na situação de alunos-ouvintes-passivos, o que diminui em muito a eficácia da reunião.

É frequente argumentar-se que muitas falhas nos programas do MOBRL decorrem do "baixo nível" dos alfabetizadores. Verificamos, no entanto, que o que distingue o bom do mal alfabetizador, não é o seu nível de escolaridade ou o seu grau de instrução, mas o maior ou menor envolvimento com os problemas da comunidade em geral e do aluno em particular. Notamos que as classes que apresentavam maior índice de evasão de alunos não eram aquelas cujos alfabetizadores eram mais carentes em termos de informação, mas aquelas cujos alfabetizadores eram passivos frente aos problemas da comunidade.

Verificamos também que é frequente entre os alfabetizadores de maior nível de escolaridade, um distanciamento com relação aos alunos. O alfabetizador confere a si mesmo um "status" de professor, de mestre. Antes e depois da aula, convive com os alunos em igualdade de condições, mas a situação de aula provoca, de imediato, o distanciamento: a voz, os gestos, a maneira de se dirigir aos alunos ganham características magistrais. Quanto maior é o nível de informação, maior é a frequência com que ocorre este distanciamento.

Selecionamos alguns exemplos que ilustram o tipo de atuação dos alfabetizadores de zona rural:

Localidade de Água Fria (66 alunos)

A classe fica distante uns 10km da estrada. O caminho que vai desta até a classe é apenas carroçável. As vezes ele é interrompido e tem-se que continuar pelas trilhas da caatinga. Em tempo seco, o carro fica atolado na areia; com tempo de chuva, fica atolado no lamaçal. O local foi o mais pobre de todos os visitados. A classe funciona numa construção composta de quatro pilares de madeira sobre a terra batida e coberta com palha. Não tem paredes, nem lugares suficientes para todos os alunos sentarem. Alguns alunos caminham mais de uma légua (7km) para assistirem a aula, e a grande maioria comeu apenas um punhado de farinha com água. A própria alfabetizadora, cega de um olho, passa dias sem comer comida. A luz é de lamparina (construída com uma pequena lata) e muito fraca. Os alunos tem que se agrupar perto do quadro negro para poderem enxergar alguma coisa. A professora mora (por favor) numa choupana perto da classe. As condições de vida são sub-humanas.

Apesar de ser a alfabetizadora que trabalhava em condições mais precárias, foi a mais notável dentre as entrevistadas. Superava todas as condições adversas com incrível força de vontade. Seu engajamento com a problemática dos alunos e da comunidade em geral é bastante grande. Seu distanciamento com relação aos alunos é mínimo e decorrente do fato de ser "a professora". Considera que no caso concreto de sua classe, o material didático é irreal. Falou que o prato de comida que ilustra a palavra geradora, nunca foi visto por qualquer de seus alunos. Enquanto para outros alfabetizadores (principalmente de zona rural) o cartaz mais distante da realidade local é do foguete espacial, para ela, o mais irreal (exatamente pela realidade do seu conteúdo) era o da comida.

Os problemas maiores que a alfabetizadora enfrenta são materiais. Os alunos são entusiasmados por pertencerem ao MOBRAL e aceitam qualquer coisa que a alfabetizadora invente como alternativa à aula (sem que por isso vejam a aula negativamente: querem aprender a ler, escrever e contar).

A alfabetizadora tem mais alunos do que pode dar conta, e constantemente aparecem outros novos pedindo para se inscreverem.

Localidade de Nazaré (30 alunos)

O povoado fica distante uns 30km de Campo Maior. A estrada de acesso é razoável. Apenas na época das chuvas a comunicação é interrompida. É um povoado do primeiro tipo descrito anteriormente.

A classe do MOBRAL funciona no prédio do grupo escolar do município. As instalações são boas e o prédio está bem conservado (graças, em parte, à iniciativa do alfabetizador do MOBRAL que já organizou um mutirão para pintar as paredes). Com exceção de três alunos que moram distante do local da aula, os restantes são residentes do povoado.

O alfabetizador é de excepcional qualidade. Possui agudo senso comunitário e uma visão política (não partidária) da realidade, invejável. É ferreiro de profissão. Tem inúmeras poesias escritas, quase todas retratando a realidade local, a vida do homem do campo, seu trabalho, sua família, etc.

Seu trabalho é muito mais o de um educador do que o de um alfabetizador. Visita frequentemente os alunos a fim de verificar as condições de vida de cada um, discute com eles seus problemas, orienta-os com relação ao trabalho e educação dos filhos, etc. Tem plena consciência de seu papel como agente de modificação de valores, sem que com isto assuma uma atitude paternalista ou de distanciamento social e psicológico. Nas visitas aos alunos fala muito sobre o Posto Cultural, sua função na comunidade, seu conteúdo e seus objetivos, discute as possibilidades de trabalho depois de terem sido alfabetizados. Já organizou vários mutirões na comunidade: o último foi para construir fossas nas casas, tendo para isto conseguido apoio da Secretaria de Saúde que se comprometeu a fornecer o material necessário. Possui e utiliza todos os folhetos distribuídos pelo MOBRAL sobre higiene, saúde, plantio, etc. É preocupado com a conservação da natureza e com a ecologia. Instrui os alunos sobre o FUNRURAL, direitos trabalhistas, associações de apoio ao trabalhador do campo, etc. Organizou um pequeno posto de consertos de bicicletas que é operado pelo próprios alunos. Frequentemente faz "leilões" de coisas para comer: cada qual dá o que pode (ovo, farinha, etc.) e o resultado do "leilão" é revertido em benefício da comunidade e em particular da classe do MOBRAL. Organiza grupos de "sócios" para a aquisição de um material necessário a elementos da comunidade: uma máquina, um fogareiro, um lampião a gás, um arado, etc. e pede ajuda financeira fora do povoado; o que faltar para completar a compra do material é dividido pelos "sócios" em quotas mensais. Ele próprio possui um pouco de terra (1 hectare) aonde os alunos fazem trabalhos em grupos: plantam batata, soja, fazem hortas, etc. e o resultado do trabalho é repartido por todos em função do número de horas que trabalharam. Sua participação é igual a dos demais e não retira lucro nenhum pelo fato de ser o dono da terra.

Vários alunos do convênio passado se recusaram a abandonar a classe do MOBREAL depois de terem concluído o curso de alfabetização funcional e insistem em continuar assistindo as aulas dadas pelo alfabetizador. A solução encontrada por ele foi a de dividir a turma em dois grupos: o de alfabetização funcional, que recebe atenção integral e o de ex-alunos para os quais ele passa exercícios de leitura e de matemática e verifica o resultado após o término da aula de AF. Alguns alunos do sistema regular de ensino vão procurar o alfabetizador do MOBREAL pedindo para se inscreverem em suas aulas porque elas "têm mais respeito". Ele não aceita como alunos mas orienta nos estudos e aconselha quanto ao maior alcance do ensino regular.

Sobretudo não se deixa acomodar e nem aos alunos. Propõe sempre atividades novas e atua constantemente no sentido de provocar mudanças significativas na comunidade.

Localidade Novo Oriente (22 alunos)

A classe fica situada à beira da rodovia que liga Campo Maior a Fortaleza. Materialmente, não tem recurso algum mas pelo menos os alunos não precisam caminhar muito para chegar até a aula. Moram todos próximos ao local. A classe é coberta, tem paredes e janelas e bancos suficientes para todos os alunos.

A professora queixa-se de que os alunos faltam muito. No entanto, ela não possui "elan vital" algum. Fala lentamente e sem ânimo. Não demonstra entusiasmo por nada, seu engajamento com os problemas dos alunos e da comunidade é nenhum. Acomodou-se à situação de alfabetizadora e não suspeita sequer de suas possibilidades de "agente de mudanças". Sua resistência a inovações é passiva. Não as rejeita, se lhe são oferecidas à mão, mas não faz nada para que elas ocorram. Não tem a menor idéia de sua importância como agente capaz de transformar atitudes e muito menos valores.

A alfabetizadora diz que "os alunos são desanimados". A frequência às aulas é de 50% e não são sempre os mesmos que comparecem.

Localidade Cocal da Telha (45 alunos)

A classe funciona no prédio da escola do Estado. É de alvenaria, bem construído e possui luz elétrica. Fica perto da rodovia que liga Teresina a Fortaleza. Todos os alunos moram próximos ao local.

A alfabetizadora é, em relação à maioria das de zona rural, bem informada e possui o curso primário completo. No entanto, é uma das que cria maior distanciamento com os alunos. Apesar de seu bom nível de informação, fica restrita à tarefa de alfabetização. Sua atuação

sobre os alunos, em nível mais pessoal, é raro. Não se envolve com os problemas da comunidade e nem faz nada para modificar as condições locais de vida.

Os alunos reconhecem que "a professora é boa", no sentido de que dá a lição eficientemente, mas não se prendem muito ao processo de aprendizagem como um todo. Gostam de trabalhar com o cartaz gerador mas a alfabetizadora não o explora suficientemente. Sua relação com os alunos é muito técnica e, portanto, distante. Há uma razoável evasão de alunos.

Localidade de Baixão (26 alunos)

O povoado fica distante uns 100km de Campo Maior. A estrada nos primeiros 40km é razoável (no período de seca); no trecho restante é apenas uma trilha de percurso extremamente difícil. O povoado é composto de poucas casas esparsas pela região. Na época das chuvas, a região fica praticamente isolada, o acesso só podendo ser feito a pé ou a cavalo. A cultura é estritamente de sobrevivência e todos são muito pobres. Não existe assistência médica permanente e as possibilidades de mudanças significativas na estrutura sócio-econômica são remotas.

A classe do MOBRAF funciona na varanda da residência de um colono. Chegamos às 21:30hs e os alunos estavam reunidos em torno de uma lamparina a querosene que iluminava fracamente o quadro. Vários alunos haviam caminhado 4 ou 5km, depois de um dia de trabalho no campo, para assistir a aula. O alfabetizador é bem jovem e bastante interessado no trabalho que realiza. Ele próprio se encarregou de percorrer a região, batendo de porta em porta, à procura de alunos para compor a classe. O alfabetizador goza de um status de professor. Durante a aula, observamos um acentuado distanciamento entre alfabetizador e aluno.

O alfabetizador tem consciência de sua atuação como agente de mudança, mas sua posição é um tanto paternalista. É prolixo, auto-referente e de gestos femininos. Não foi possível avaliar o quanto seus modos um tanto femininos funcionam como ponto de identificação negativo por parte de uma clientela composta principalmente por homens rudes e habituados ao trabalho duro no campo. Falta ao alfabetizador, enquanto também educador, um certo equilíbrio nas sugestões feitas aos alunos. Preocupa-se, por exemplo, com o fato deles irem a aula com as unhas sujas (ele traz as suas bem feitas e esmaltadas) mas não dá a devida atenção a aspectos de saúde e higiene dos alunos que são mais fundamentais. No entanto, em termos de eficácia, levando-se em conta as condições bastante precárias de trabalho, a atuação do alfabetizador me pareceu muito boa. Possui aspectos muito mais positivos do que negativos e parece bastante querido pelos alunos.

Quanto ao material didático, queixa-se da irrerealidade do conteúdo de alguns cartazes e da dificuldade do livro de matemática.

A análise desta conteúdo nos permite estabelecer algumas propostas de ação:

Considerando as condições de vida do habitante de zona rural do Sertão Nordestino e considerando ainda que estas condições, a curto ou médio prazos, não se modificarão substancialmente, propomos que na elaboração do material didático, o universo de experiências deste indivíduo seja pensado de forma mais específica. Certos conteúdos do material didático são quase que impensáveis para a clientela, dada a total dissonância entre seu significado e o universo de experiências do aluno. Toda aprendizagem se faz sobre um solo de saber (ou um a priori histórico) que torna esta aprendizagem possível. Cada noção, cada conceito, cada valor, supõe certas condições que são a base de sua pensabilidade. Tentar impor noções e valores sem criar este solo de experiências que os tornam compreensíveis, é fazer com que este material seja apreendido como um corpo estranho que será expulso logo que a experiência do aprendizado termine. Daí a regressão.

Imprimir maior dinamismo aos encontros mensais de alfabetizadores na sede dos municípios procurando eliminar seu aspecto formal e meramente informativo. No caso de regiões carenciadas, é de grande importância que se forneça um lanche aos alfabetizadores. Muitos deles saem de seus povoados às 4 horas da madrugada para poderem estar presentes à reunião que se realiza às 10 horas. A brevidade e a falta de maior aproveitamento destas reuniões, deve-se ao fato de que muitos têm que voltar rapidamente às suas casas pois não dispõem de recurso para pagar um almoço na cidade.

Procurar incrementar a atuação das S.A., não fazendo delas meras "fiscais". São elas, o único contato direto que o MOBREAL mantém com os alfabetizadores e a eficiência do trabalho destes últimos, depende em parte da atuação das S.A. Um aproveitamento melhor das Supervisoras de Área pode ser tentado modificando-se o treinamento periódico que estas recebem na COEST.

Dar maior mobilidade ao posto cultural, se possível deslocando-o para campo, com a finalidade de atender à população rural que não pode se deslocar até a cidade. Na impossibilidade disto ser feito, incrementar ao máximo o Autodidatismo. Neste caso acreditamos na necessidade de uma modificação do material. Ele está adequado ao alfabetizador, mas inadequado ao aluno (este, acha o material "difícil"). Uma das funções de deslocamento do Posto Cultural ou do incremento do Autodidatismo, seria a de quebrar o quase total isolamento em que vive o aluno, o que dificulta sua aprendizagem (devido a pouca variedade de experiências a que é cotidianamente submetido).

Reformular o treinamento dos alfabetizadores juntamente com o treinamento das Supervisoras de Área. Sem um treinamento adequado destas últimas o próprio treinamento dos alfabetizadores pode fracassar, pois que são as S.A. o único contato direto que o MOBRAL mantém, sistematicamente, com o alfabetizador.